

INVASORES DO RIACHO FUNDO II DESMONTAM BARRACOS ANTES DA AÇÃO POLICIAL. MAS MUITOS FICARAM

Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

**A**s últimas horas foram de agitação na invasão da QN 10 do Riacho Fundo II. Os moradores mais temerosos passaram o dia de ontem com o martelo na mão, desmontando os barracos. A madeirite, as telhas finas de amianto e os poucos móveis eram transportadas em carroças e carinhos de mão. Preferiram adiantar-se à operação de erradicação dos 400 barracos da invasão que está prevista para hoje de manhã.

"Fiz o barraco pra minha enteada, que tem um bebê. Mas ela afobou e pediu para arrancar. Já acorralhei para ela ficar, pra ver se tira um lote, mas ela não quer", conta João Francisco da Silva, 70 anos, mineiro de Romaria e que diz estar há mais de 20 anos no Distrito Federal. "Agora ela volta pra casa comigo. Tenho uma casinha lá na QN 8", diz.

Maria de Lourdes da Silva, 20 anos, a enteada, explica que resolveu obedecer logo o prazo de 24 horas da notificação. "Todo mundo está arrancando. É muito melhor do que esperar a polícia", acredita. Seu Francisco de Melo, 58 anos, outro invasor que está no local desde janeiro, também esvaziou o barraco. "Tirei tudo: fogão, cama e sofá. Depois de uma ameaça dessas no papel, não vou teimar", conta o desempregado.

Outra turma, as dos resistentes, também tiveram um dia agitado. De barraco em barraco, os líderes reuniam o pessoal e organizavam o protesto de hoje. "Podemos apanhar, mas vamos resistir. Vamos formar um círculo de gente em cada barraco para não deixar que derrubem", planeja Alcino Alves dos Santos, 36 anos, que diz estar há dois meses e meia na invasão.

Na madrugada anterior, um grupo de cerca de 80 invasores da QN 10, segundo cálculos deles mesmos, concentraram-se na porta da casa do governador Joaquim Roriz, no Park Way. Foram pedir que o governo os deixasse ficar mais um tempo na invasão. Já passava de uma da manhã quando a secretária de Habitação, Ivelise Longhi, saiu à porta da casa.

"Dissemos a eles a verdade. Que a invasão será removida e que não poderão ficar lá nem mais um minuto", diz Ivelise. Ela voltou a reforçar que não será por pressão, invadindo, que as pessoas conseguirão lotes. "Os critérios serão definidos pelo Idhab, depois do seminário de habitação (marcado para 22 e 23 de março)."

# FORA DE MUDANÇA

Mas entre os invasores, ainda há muita dúvida e esperança. "Se a gente não invadir, como é que o governador vai saber que a gente precisa de moradia?", questiona Nunes Ribeiro dos Santos, a dona-de-casa de 31 anos e que diz ter chegado a Brasília há 22 anos. Nasceu em Tocantínia, em Tocantins.

"Pois eu vou esperar até o último momento. Se vim pra cá é porque não tenho onde morar mesmo. Quem tinha já saiu", diz o cearense Antônio José Silva Ribeiro, 33 anos. Casado e pai de duas filhas, ele diz que morava antes, de favor, na QR 310 de Samambaia.

A mineira Vânia Lúcia, 20 anos, também resolveu ficar. Mandou os dois filhos mais velhos para a casa da mãe, na QC 4 do Riacho Fundo II. Só ficou com o mais novo, Paulo Henrique, de dois meses, que ainda mama no peito. "Se me tirarem daqui, nem sei como vai ser. Meu marido é servente, quando acha serviço. E o dinheiro mal dá para a gente comer", reclama.

■ Leia mais na página 2